

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

240

ADDENDA ET CORRIGENDA
ÍNDICE DOS FASCÍCULOS 230 a 239



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



AGRADECIMENTO

Completa *Ficheiro Epigráfico* 40 anos de vida.

Um projecto concebido no seio da então Comissão Portuguesa para o novo suplemento do CIL II, de que Manuela Alves Dias e eu próprio nos encarregámos e que teve pronto acolhimento por parte do Doutor Jorge Alarcão, na sua qualidade de director do Instituto de Arqueologia e da revista *Conimbriga*, de que *Ficheiro Epigráfico* – pesem muito embora todas as sugestões para ingressar em renomadas e credenciadas plataformas científicas – continua, desde 1982, a ser o suplemento.

A intenção de dar a conhecer, rapidamente e sem peias, as inscrições romanas peninsulares inéditas tem-se revelado profícua e justo é agradecer a quantos nos têm acompanhado.

Em primeiro lugar, ao Dr. José Luís Madeira, sem o qual a realização digital da revista a partir do nº 100 não seria possível. Ao saber de experiência feito junta o Dr. José Luís o gosto e entusiasmo pelo projecto, o que penhoradamente agradeço.

Devido à força das circunstâncias, a Dra. Manuela Alves Dias elabora agora, juntamente com a Doutora Catarina Gaspar, os circunstanciados índices epigráficos que pontualmente se apresentam de 10 em 10 volumes, como se preconizou desde o início. Índices que são precedidos habitualmente pelas *Addenda et corrigenda*, secção aberta a quantos quiserem comentar o que no *FE* tem sido publicado.

Vários têm sido os preciosos colaboradores do *Ficheiro Epigráfico*. Foram-nos, nos primeiros tempos, os alunos e antigos alunos da cadeira de Epigrafia, que pelo País foram descobrindo epígrafes por estudar; nesse número, ainda que não estudante de

Coimbra, devo incluir o Sr. Eng.º Fernando Curado, profundo conhecedor do distrito da Guarda, por onde, também devido à sua profissão, se deslocava e que, de 1984 a 1989, muitas epígrafes deu a publicar. A partir de 2002, deveu-se ao entusiasmo de Julio Esteban, da Universidade da Extremadura, a descoberta e publicação de dezenas de documentos epigráficos no território lusitano de Espanha. Bem haja!

Uma palavra final – mas não menos importante – às sucessivas direcções do Instituto de Arqueologia e, agora, à Direcção do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes e, consequentemente, à Direcção da Faculdade de Letras, pelas facilidades concedidas, nomeadamente a disponibilização do Dr. José Luís Madeira para cumprir a indispensável função de proceder, número após número, à respectiva maquetização e colocação em linha.

Pensamos que, mesmo no tempo dos Romanos, o nº 40 exercia o fascínio que ao longo da história da Humanidade sempre teve (Ali Babá e os 40 ladrões, 40 anos foi a travessia no deserto, de 40 dias as tentações de Cristo...).

Regoziamo-nos, pois, por agora essa idade termos atingido!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Coordenador

ADDENDA ET CORRIGENDA

Ad n. 131

A circunstância de se ter pensado em apresentar, para o grande público, a inscrição publicada no FE 131 e, sobretudo, a intenção de se conjecturar, através de uma reconstituição gráfica, o que poderia ter sido a totalidade da inscrição monumental determinaram uma atenção maior ao que se conhecia da epigrafia de *Pax Iulia*. Daí resultou a atribuição a essa epígrafe do fragmento, guardado no Museu de Beja, estudado em IRCP 292¹.

Daí resultou, portanto, o que se publicou², sobre que se receberam os seguintes comentários, que penhoradamente agradeço:

1. «Cuando se antepone un término como *colonia, municipium* etc. al nombre de una ciudad, el caso de esa ciudad debe concordar con el caso del término, como, p. ej., y sin ir más lejos, en *urbs Roma*, no *urbs Romae*. Por lo tanto hay que decir *coloniae Paci Iuliae*, todos en dativo, y no *Pacis*.

– No es justificado suplir un *et* entre *turres* y *portas*. La copia transmitida da solamente un asta vertical entre *TVRRES* y *ORTAS*, la que en buena lógica debería de corresponder a una letra *P*. Cuando se enumeran varios términos, es mucho más frecuente una secuencia asindética sin *et* o – si algo – con un *-que* final» (Armin Stylow, email de 20-08-2022).

2. «Atendendo à cópia do séc. XIX, parece-me que o fragmento conteria ainda, na linha 1, o PA de PA[TRIAE]; PATERIA = PATER · PA» (José Cardim Ribeiro, email de 20-08-2022).

3. Transcreveu-se em AE 1989 368 o que se publicara em FE 131 e comentou-se, a propósito da datação proposta (de 1 de Julho do ano 3 a. C. a 30 de Junho de 2 a. C.), que «o título de *pater patriae* data, em princípio, de 5 de Fevereiro de 2 a. C.» e

1 Essa proposta de junção já fora feita, aliás, por Marietta Horster, sem que, no entanto, dela tivéssemos tido conhecimento: HORSTER (Marietta), *Bauinschriften römischer Kaiser*, Stuttgart 2001, p. 352 (nº XIV 4).

2 ENCARNAÇÃO (José d'), «O imperador Augusto deu a Beja um grande presente!», *Diário do Alentejo* [Beja] nº 2104, 19-08-2022, p. 12-13. Acessível em <http://hdl.handle.net/10316/101296>

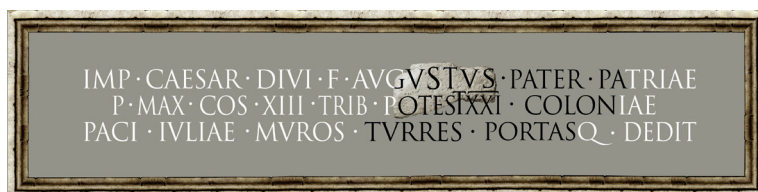
que, na reconstituição, se haviam omitido as referências às saudações imperiais e aos consulados.

Tendo em conta as objecções apresentadas, que se aceitam, corrige-se agora a reconstituição e propõe-se uma nova imagem:

[IMP(erator) · CAESAR · DIVI · F(ilius) AVG]VSTVS ·
PATER · PA[TRIAE] / [P(ontifex) · MAX(imus) · CO(n)S(ul)
· XIII · TRIB(unicia) · P]OTEST(ate) XXI · COLON[IAE] /
[PACI · IVLIAE · MVROS ·] TVRRES · PORTASQ(ue) · DE-
DIT

*O imperador César Augusto, filho do Divino, Pai da Pátria,
pontífice máximo, treze vezes cônsul, no 21º poder tribunicio,
deu à Colónia de Pax Iulia muralhas, torres e portas.*

J. d'E.



Ad n. 801

Trata-se de uma pedrinha identificada na *villa* romana de Pisões, com inscrição, cuja leitura proposta foi *pistor*, «escrita em caracteres latinos grecizantes». Recebemos, a esse propósito, os seguintes comentários:

Marc Mayer:

Me parece muy ingeniosa la teoría del *pistor* y del *pistrinum*.

Pero me parece que *pistos* no tiene duda en griego: significa *fidelis*, *securus* o incluso *honestus*, y me parece que debemos circunscribirlo a un ambiente religioso o incluso, dada la dimensión, pensar en una ficha, *tessera*, de juego. No veo cómo de

pistor puede derivar *pistos*. Quizás habría que argumentarlo más, si se quiere mantener tu interesante teoría.

Giulia Baratta:

Sugere que seja um dado de jogar ou um peso.

Marc Mayer:

Argumentei eu que «dado de jogo com essa forma afigure-se-me estranho; para peso é demasiado pequeno». Marc Mayer concordou e acrescentou: «OC e OS, em grego, de **pist/os**, fiel, devotado, devoto. Para mim, como já te escrevi, é votiva, um ex-voto. Já me dirás a tua conclusão.

Juan Manuel Abascal:

«El primer carácter no cabe duda de que es PI, con lo que el texto no puede ser visto desde una perspectiva latina sino griega. Las posibilidades, como decís en el texto, son muchas. Siento no poder hacer ninguna propuesta alternativa».

Eleousa Mazioti:

«1. The word “πιστός” – which is still in use in the Greek language, means devoted, to be trusted, loyal, follower, disciple, etc., meanings that have to do usually with friendship, love, religion.

2. As for the letter c, substituting the “σ” letter and sound, both in the middle and in the end of the word, we do find that c is used instead of s:

See in Margherita Guarducci’s “L’ epigrafia greca dalle origini al tardo impero” (Roma 1987), and in the greek edition by the National Bank Cultural Institute, Athens 2010, in “the Greek alphabet after 5th century BC, page 111, -my translation: “In the 2nd century BC and until the late imperial times they tend to use on stone inscriptions the “lunate” letters, mainly the three: epsilon (ε) sigma (σ) and omega (ω) their lunate forms shown in the pictures attached below.

3. As for the meaning of the object itself, one could possibly say that the inscription was made by a devoted follower of the principal god who was worshipped in the “estia”, the altar of the house, or even by a slave of the house who had been liberated.»

Ad n. 818

Carlos Fabião:

Relativamente à epígrafe 818 (a estranha dedicatória a Lúcio Vero), creio que é fácil a identificação da fonte de Fr. Francisco de Oliveira. Trata-se da informação de André de Resende, no Livro III das Antiguidades da Lusitânia (p. 148-149), que simplesmente repete. Transcrevo, na tradução de Rosado Fernandes:

“ (...) na propriedade do Ilustríssimo Duque de Aveiro, à qual chamam “Pinheiro” e que fica à distância de 20 mil passos de Tróia e 16 mil passos de Alcácer do Sal, subsistem as ruínas de uma povoação [*opidi ruinae supersunt*]. Encontra-se aí um cipo, nada grosseiro, onde se lê:

[transcrição do desenho de Resende]

L.AELIO.AVRELI
O.COMMODO.
IMP. ANTONI
NI.AVG.PII.PP.
FILIO.COS.DE
SIGNATO.PM.
D.D.

Diria que Resende viu a pedra, cuja localização identifica com clareza e a que se refere como “cipo nada grosseiro”, para além de apresentar a transcrição. Fr. Francisco Oliveira limitou-se ao que tudo indica a veicular esta informação, reproduzindo a paginação e pontuação apresentada pelo eborense.

Mais complexa se afigura a questão da procedência do cipo. De facto, a Casa de Aveiro é conhecida por ter reunido antiguidades em diferentes períodos da sua existência, daí poder tratar-se de inscrição recolhida em Alcácer do Sal, em Tróia ou até em outro local e trazida para a propriedade. Recorde-se que é bastante frequente a deslocação destes materiais. Somente a título de exemplo, recorde-se a homenagem dos escalabitanos a um dos Bochii, que foi parar à Quinta da Sempre-Noiva, Arraiolos (FERREIRA, 1956) ou as estátuas romanas de Mértola (hoje conservadas no MNA), levadas para Montemor-o-Novo (PEREIRA, 1887: 131). Mas não deixa de ser interessante a possibilidade de a dita se encontrar mesmo no local

onde se acharia originalmente implantada, como sugerem na notícia agora publicada.

A investigação do sítio do Pinheiro foi, no meu entender, demasiado focada nos fornos de época romana, cite-se, apenas a título de exemplo, não ter sido tida em consideração a suposta necrópole, identificada pela equipa dos Serviços Geológicos de Portugal que procedeu ao levantamento da Carta Geológica da zona e que está referida na notícia explicativa da dita: “*Algumas dezenas de metros a NE dos fornos há vestígios de um cemitério luso-romano*” (ZBYSZEWSKI *et alli*, 1976: 57). Recorde-se que foi esta mesma equipa que primeiramente identificou e terá escavado os dois grandes fornos do século I da Herdade do Pinheiro, no âmbito dos trabalhos de levantamento da carta geológica (ALMEIDA; ZBYSZEWSKI; FERREIRA, 1971). É certo que o sítio estava / está muito afectado pelos desaterros e outras obras recentes dos regantes do Sado, foram de resto essas obras que revelaram a olaria, mas creio que se impõe a realização de uma extensa campanha de prospecção geofísica no local, para despistar de vez a natureza do povoamento romano no local. De qualquer modo, contra a possibilidade do cipo pertencer mesmo ao aglomerado do Pinheiro pode referir-se a progressiva perda de relevância que a escavação revelou para o período genericamente compreendido entre a segunda metade do século II e os inícios do III (MAYET; SILVA, 1988: 113 e ss.).

Sendo então tão bem conhecida a inscrição do cipo do Pinheiro com a dedicatória imperial, como se perdeu essa memória?

Começou pela desconsideração promovida, sem nenhum motivo aparente, por Hübner / Mommsen, que a remeteram para o capítulo das inscrições falsas ou duvidosas (CIL II, 8). Por essa razão, José d’Encarnação nem sequer a considerou no IRCP e na publicação recente dedicada ao estudo da olaria romana, é simplesmente despachada como “(...) *l’inscription douteuse* (...)” de Resende (MAYET; SILVA, 1988: p.12).

Este parece-me um tema mais interessante e relevante do que a natureza do sítio arqueológico do Pinheiro: a leveza com que os positivistas oitocentistas trataram a informação previamente divulgada e o modo acrítico como os seguimos. No caso vertente, é bem conhecida a antipatia de Hübner por Resende, antipatia que lhe avolumava os desvelos críticos. Decidiu que a inscrição do Pinheiro era falsa, simplesmente porque não a pôde ver e provavelmente porque não lhe pareceria fazer sentido um Decreto de Decuriões em suposto sítio

rural. Porque no CIL saiu como falsa ou duvidosa, todos passaram a considerá-la igualmente falsa ou duvidosa, sem ninguém cuidar de procurar saber por que razão haveria Resende de inventar tal inscrição para aquele lugar.

Penso que fizeram muito bem os autores da notícia em chamar a atenção para as outras dedicatórias a Lúcio Vero conhecidas no ocidente da Lusitânia, às quais se soma agora o conjunto olisiponense estudado por Sara Reis (FE 796, recuperando FE 745 e 756), sublinhando a particular dinâmica de culto imperial verificada em época antonina nesta região, o que confere credibilidade (creio) ao cipo do Pinheiro, independentemente do exacto lugar de procedência do mesmo.

Impõe-se cada vez mais regressar a estas referências antigas e procurar reanalisá-las sem o preconceito dos nossos ilustres (e fundamentais) positivistas de oitocentos que, em vários casos, com os seus desvelos críticos, podem ter “deitado fora o bebé com a água do banho”.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, D. F.; ZBYSZEWSKY, G.; FERREIRA, O. V. (1971) – Descoberta de fornos lusitano-romanos na região da Marateca (Setúbal). *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 5, p. 155-165.

FERREIRA, F. B. (1956) – A inscrição lusitano-romana da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos) e o problema dos Corneli Bocchi. *O Arqueólogo Português*, Nova Série, 3, p. 87-105.

MAYET, F.; SILVA, C. T. (1988) *L'Atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: Diffusion E. De Boccard.

PEREIRA, G. (1887) Antiguidades de Montemor-o-Novo. *Revista Archeologica e Historica*, I, p. 129-133.

REIS, S. H. (2022) Pedestal honorífico de L. AVRELIVS VERVS em Olisipo (Parte II). *Ficheiro Epigráfico* 227, inscrição nº 796.

ZBYSZEWSKY, G.; ANTUNES, M. T.; FERREIRA, O V; CARVALHOSA, A B (1976) – Notícia explicativa da Folha 39-A da Carta Geológica de Portugal – Águas de Moura. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

Armin Stylow:

«Muy interesante la inscripción del nº 818. Es sorprendente que Lucio Vero aparezca allí con el título de *p(ontifex) m(aximus)*, que ni siquiera llevaba como Augusto, excepto en algunos documentos no oficiales. Fue nunca más que *pontifex*».

ÍNDICES DOS FASCÍCULOS 230 A 239¹

Nomina virorum et mulierum

Ann[e]ia M(arci) f(ilia) Aciliana, 827
Q(uintus) Cassius Cassianus, 807
L(ucius) Marius Cassianus, 819
Sentia [Av]ita, 804

Cognomina virorum et mulierum

Aciliana, Ann[e]ia M(arci) f(ilia) 827
Apul[i], 822
[Av]ita, Sentia, 804
Arconis f(ilius), Tongatius (vel Toncatius), 803
Carpophoru[s], 815
Calliope, 815
Cassianus, Q(uintus) Cassius, 807
Cassianus, L(ucius) Marius, 819
[C]olonus Medutti, 802
Medutti, [C]olonus, 802
Saturnini, 812 (estampilha)
Tongatius (vel Toncatius) Arconis f(ilius), 803
Trophim[e], 825
[...?]parda, 824

Municipalia

Arvensis, 827

Officia

pistor ?, 801

Dii deaeque

ilegível, 806
Iovi Optimo Maximo, 807, 816
Vaco, 823

Imperatores

[Ti(berio) Claudi]o Cae[sare Aug(usto)] Ger(manico) [Pont(ifice)] Max(im)o
[Tribuni]a Pot[est(ate)] [...] *Co(n)s(ule)*, 808.
L(ucio) Aelio Aurelio Commodo Imp(eratoris) Antonini Aug(usti) Pii P(ateris)
P(atriciae) f(ilio) Co(n)s(uli) Designato P(ontifici) M(aximo), 818.

¹ Elaborados por Manuela Alves Dias e Catarina Gaspar.

Parentelae ac necessitudines

F(ilius/a), 802, 803, 804

Mater, 804, 807

Mari[to], 820

Litterae singulares notabiliores

ALVP, *a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit)*, 807

ANN, *ann(orum)*, 802, 803, 804, 805, 815, 825, 827

D M, *D(is) M(anibus)*, 820, 825

D M S, *D(is) M(anibus) S(acrum)*, 815, 819, 827

F, *f(ilius/a)*, 802, 803

F P, *f(ilius/a) p(ientissimus/a)*, 804

H S E S T T L, *h(ic) s(itus/a) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*, 802, 803, 815, 820, 827

L S P *l(oco) s(uo) p(osuit)*, 820

P, *p(osuit)*, 804

V S L *v(otum) s(olvit) l(ibens)*, 823

Puncta et similia

802, 804, 807, 808, 815, 816, 819, 820

Monumenti formae

ara, 806, 807, 814, 816, 819

árula, 822, 827, 828 (anepígrafa)

bloco paralelepípedo, 808 (*terminus augustalis*)

cupa, 809, 810

cipo em forma de casa, 817

estela, 802, 805

placa, 801, 804, 820, 825, 826 (monumental)

rupestre, 803

Instrumenta

almofariz, 812

dolium, 813, 822

imbrex, 811.2

specillum, 824

tijolo, 811.1, 811.3, 811.4, 811.5, 821

indeterminado, 811.6

Signa et ornamenta varia

aduelas, 810

arcos imbricados, 814

círculo, 805

jarro, 819, 827

palma, 812 (estampilha)
pátera, 814, 819, 827

Grammatica et notabilia varia

MI (elemento de contagem feita pelo fabricante?), 821
[...]*XX* (elemento de contagem feita pelo fabricante?), 811.5
[...]*CCIXV* (esgrafitado), 813

Inscriptionum repertarum loca

PORTUGAL

BEJA

Beja, Baleizão, Herdade as Barbas de Lebre I, 821
Beja, Herdade de Algramaça, vila romana de Pisões, 801
Beja, S. Matias, Monte da Fuzeira, 809, 810
Serpa, Herdade da Abóbada, 804
Vidigueira, Pedrógão, Marmelar, 814
Vidigueira, Selmes, Monte da Cegonha, 822

BRAGANÇA

Bragança, Samil, Rua do Fundo do Povo, 805

GUARDA

Guarda, Ramela, Aldeia Nova, 816

LEIRIA

Caldas da Rainha, A-dos-Francos na capela do cemitério, 807
Óbidos, Gaeiras, cidade romana de *Eburobritium*, 811

SETÚBAL

Alcácer do Sal, Herdade do Pinheiro, 818
Alcácer do Sal, Torrão, S. Romão do Sado (junto à parede do cemitério) 819
Grândola, Carvalhal, Troia, 812

VISEU

Armamar, Aricera, Largo do Forno, 808
Armamar, Goujim, Castro de Goujim, 823

ESPANHA

A CORUÑA

Procedência desconhecida, 806

ALICANTE

Alicante, Santa Pola, *Portus Ilicitanus*, 820

BABAJOZ

Badajoz, Los Santos de Maimona, 815

Mérida, El Moro, 802

CÁCERES

Trujillo, próximo do mosteiro franciscano de los Arcabuces, 803

CÁDIS

Santa Maria del Valle, Castillo de Gigonza, 817

SEVILHA

Peñaflor, 825.

Peñaflor, La Viña, 826.

Peñaflor, El Camello, 827.

INDETERMINADA

Baetica, 824.

Auctores

Alexandra Figueiredo, 807

Ana Sofia Borges, 805

André Donas Botto, 822

António Sá Rodrigues, 816

Armando Redentor, 805

Betina Menegati Girardell, 805

Eurico Sepúlveda, 812

Felipe Arias Vilas, 806

Guilherme Cardoso, 812

Helena Gimeno Pascual, 817

Jean-Pierre Bost, Ad n.792

Jorge Feio, Ad n. 292.1, 809, 810, 813, 814, 818

José Antonio Ramos Rubio, 803

José Beleza Moreira, 811

José Carlos Santos, 808, 823

José d'Encarnação, 801, 804, 807, 808, 811, 812, 818, 819, 822, 823

Juan Manuel Abascal, 820

Julio Esteban Ortega, 802, 803

Marc Mayer I Olivé, 824

Marco Valente, 822

Marcos Osório, 816

Maria Conceição Lopes, 801

Maria Dolores Dopico Cainzos, 806
 Miguel Serra, 804, 821
 Noé Conejo Delgado, 815
 Óscar de San Macario Sánchez, 803
 Salvador Ordóñez Agulla, 825, 826, 827, 828
 Sergio España-Chamorro, 815
 Sergio García-Dils De La Vega, 825, 826, 827, 828

INDEX

FICHEIRO EPIGRÁFICO 230

Addenda et corrigenda | Índice dos fascículos 220 a 229

José d'Encarnação, Maria Conceição Lopes, *Pedrinha com inscrição da villa de Pisões (Conventus Pacensis)* 801

FICHEIRO EPIGRÁFICO 231

Julio Esteban Ortega, *Epitáfio doble procedente de Mérida (Conventus Emeritensis)* 802

Julio Esteban Ortega, Jose Antonio Ramos Rubio, Óscar de San Macario Sánchez, *Inscripción rupestre de Tongatius en Trujillo, Cáceres* 803

Miguel Serra, José d'Encarnação, *Epitáfio romano da Herdade da Abóbada, Serpa (Conventus Pacensis)* 804

FICHEIRO EPIGRÁFICO 232

Ana Sofia Borges, Betina Menegati Girardello, Armando Redentor, *Fragmento de estela funerária de Samil, Bragança (Civitas Zoelarum, Conventus Asturum, Hispania Citerior)* 805

Felipe Arias Vilas, M^a Dolores Dopico Cainzos, *Ara romana de Perbes (Conventus Lucensis)* 806

Alexandra Figueiredo, José d'Encarnação, *Altar a I.O.M. de A-dos-Francos, Caldas da Rainha (Conventus Scallabitanus)* 807

FICHEIRO EPIGRÁFICO 233

José d'Encarnação, José Carlos Santos, *Um terminus augustalis em Armamar* 808

Jorge Feio, *Duas cupae do Monte da Fuzeira, São Matias, Beja* 809-810

FICHEIRO EPIGRÁFICO 234

José Beleza Moreira, José d'Encarnação, *Grafitos de Eburobrittium* 811

Guilherme Cardoso, José d'Encarnação, Eurico Sepúlveda, *Almofariz Dramont D1 achado em Tróia (Conventus Pacensis)* 812

Jorge Feio, <i>Fragmento de dolium com inscrição, Monte Montinho, Beja</i>	813
Jorge Feio, <i>Fragmento de ara funerária romana em Marmelar (Conventus Pacensis)</i>	814

FICHEIRO EPIGRÁFICO 235

Noé Conejo Delgado, Sergio España-Chamorro, <i>Epitafio de Carpophorus procedente de Los Santos de Maimona, Badajoz (Conventus Emeritensis)</i>	815
Marcos Osório, António Sá Rodrigues, <i>Árula a Júpiter de Aldeia Nova, Ramela, Guarda</i>	816

FICHEIRO EPIGRÁFICO 236

Helena Gimeno Pascual, <i>Un posible cipo “a cabanna” en el Castillo de Gigonza (Santa María del Valle, Cádiz)</i>	817
José d’Encarnação, Jorge Feio, <i>Estranha dedicatória a Lúcio Vero</i>	818

FICHEIRO EPIGRÁFICO 237

José d’Encarnação, <i>Revisitando IRCP 194</i>	819
Juan Manuel Abascal, <i>Inscripción romana del Portus Ilicitanus, (Santa Pola, Alicante, Hispania Citerior)</i>	820
Miguel Serra, <i>Tijolo com grafito de Herdade das Barbas de Lebre I, Baleizão, Beja (Conventus Pacensis)</i>	821

FICHEIRO EPIGRÁFICO 238

André Donas Botto, José d’Encarnação, Marco Valente, <i>Fragmento de dolium com grafito da villa do Monte da Cegonha, Selmes, Vidigueira (Conventus Pacensis)</i>	822
José d’Encarnação, José Carlos Santos, <i>Árula votiva do Castro de Goujoim, Armamar</i>	823
Marc Mayer Olivé, <i>Una nueva sonda médica con inscripción</i>	824

FICHEIRO EPIGRÁFICO 239

Salvador Ordóñez Agulla, Sergio García-Dills de La Veja, <i>Cuatro inscripciones de Celti, Peñaflo, Sevilla</i>	825-828
---	---------

